

ÁGUAS DA CABAÇA: A POESIA RESISTÊNCIA DE ELIZANDRA SOUZA

Fabírcia Bittencourt Pazinato Vago¹

Ser cabaça, ser fértil
simples, discreta,
suave, dura e impermeável.
Reverbera o som com as suas sementes!
(SOUZA, 2012a, p. 32)

A literatura marginal-periférica contemporânea de autoria feminina é fruto da movimentação de escritoras marginalizadas pela sua origem social, pois nasceram e cresceram nas periferias das grandes metrópoles brasileiras. Essas escritoras produzem obras literárias que tratam da experiência e do cotidiano nas comunidades periféricas e, além de desvendarem a estrutura, a linguagem e a dinâmica dessas comunidades, colocam em xeque os padrões de representação do feminino.

Elizandra Souza se inscreve nessa produção textual e, por meio dos poemas que compõem a obra *Águas da cabaça*, problematiza questões relacionadas à identidade feminina e ao lugar que a mulher negra ocupa na sociedade. Este texto objetiva: 1- evidenciar como a poesia dessa jovem escritora desconstrói uma imagem cauterizada que passa pelo viés do pensamento machista, patriarcal, preconceituoso; 2- enfatizar a voz feminina da mulher negra que, sob o signo da resistência, deixa de ser objeto do discurso do "outro" e passa a ser sujeito de sua própria voz. Destarte, a jovem poeta escreve seus textos ciente de que, por meio da literatura, pode construir uma representação de si mesma e dos seus pares.

Nos últimos anos, a cena cultural do país tem sido invadida por uma produção textual que tematiza a experiência dos moradores das periferias das grandes cidades, no entanto, utilizar textos literários para apresentar traços de uma sociedade não é novidade no ramo das ciências sociais e no do literário. Karl Marx fez referência à obra de Balzac para salientar características da França e Roberto Schurwarz analisou traços da sociedade brasileira via obra de Machado de Assis. Na verdade, a literatura brasileira,

¹ <http://lattes.cnpq.br/1085083353779548>

com escritores como Aluísio Azevedo, Jorge Amado e Graciliano Ramos, sempre manteve uma relação com as periferias, as favelas, as prisões; no entanto, conforme Barthes (1999, p. 33), esses escritores falavam no lugar do outro. Regina Dalcastagnè postula que “o silêncio dos grupos marginalizados [...] é aberto por vozes que se sobrepõe a ele, vozes que buscam falar em nome desses grupos, mas também, embora raramente, pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÉ, 2005, p.15).

Retratar a periferia e ainda ser oriundo dela é uma estratégia que torna interessante essa geração de escritores que estabelece um compromisso intelectual com os sujeitos periféricos, assim como fazem os membros do movimento hip hop, por meio de suas expressões artísticas.

A literatura marginal dos escritores da periferia participa do processo de dar voz ao seu grupo social e se coloca na mesma posição dos sujeitos que vivenciam situações de marginalidade. Assim, faz emergir uma imagem coletiva sob a qual os aspectos políticos e sociais predominam sobre os individuais. Essas vozes da periferia buscam, além do reconhecimento profissional, divulgar uma identidade outra, diversa daquelas representadas pela voz de fora. Seria então, a literatura marginal, uma forma a mais de representar a sociedade, uma vez que seus autores objetivam pensá-la a partir de suas margens. Dessa forma, podemos inseri-la num espaço de natureza política que excede a questão puramente estético-literária para se situar nas demandas por direito à diferença e por democracia.

A figura do escritor é essencial nessa manifestação periférica, pois ao se apropriar da escrita, o autor inverte o processo cultural e cria uma cultura de libertação. Em *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*, Ferréz (2005, p. 9) afirma: “[...] não somos mais retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto”. A presença desses escritores da periferia na cena da literatura contemporânea pode ser entendida como uma possível discussão da democracia da literatura do ponto de vista “de quem fala” (escritor) e o lugar “de onde se ouve” (o público leitor e a crítica).

Para Conceição Evaristo (2005),

Assenhorando-se “da pena”, as escritoras negras buscam inscrever no literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205).

A produção literária de Elizandra Souza permite uma leitura da periferia pela perspectiva de uma mulher, negra, jovem, feminista e proveniente desse espaço. Nascida na Zona Sul de São Paulo, em 1983, a escritora é influenciada pela cultura hip hop, que emerge nas periferias nos anos 1990: "Sim, o hip hop me fez ser preta para me enxergar como pessoa. O hip hop me deu a autoestima de enegrecer a cada dia, trançar ou dreadar os cabelos e não me sentir ridícula com olhares que recebo na rua"(SOUZA, 2010).

Para Elizandra, esse movimento foi um meio pelo qual ela ressignificou sua identidade² e sua visão política. A escritora confessa ser fã dos Racionais MC's, que contestam, em suas letras musicais, o meio em que vivem os integrantes negros das comunidades periféricas. No discurso do Mano Brown, a escritora vê sua condição social representada, no entanto, não encontra, nesse mesmo discurso, uma representatividade quanto ao gênero.

Dessa forma, ela vai procurar, na literatura, um espaço para que possa articular seus próprios discursos. Suas primeiras investidas são em fanzines, espaço que marca a entrada das vozes femininas na cultura hip hop. O conhecimento por meio da escrita, de acordo com a Zulu Nation³, é o quinto elemento elencado nessa cultura: o primeiro deles é o rap, seguido pelo DJ, break, grafite e, finalmente, o fanzine.

A escritora já publicou poemas em Cadernos Negros. Participou do Coletivo das Pretas

²Segundo Stuart Hall (2005), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, a construção da identidade é pessoal e social. Inicia-se na infância e é desenvolvida durante todo o ciclo da vida, nunca devendo ser vista como algo acabado. É um processo formado ao longo do tempo e das vivências do sujeito e está suscetível às influências do meio: "O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu "eu real", mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem." (HALL, 2005, p.11).

³Organização não governamental criada pelo DJ Afrika Banbaata, considerado precursor do movimento hip hop.

e fundou, em 2004, o Coletivo Mjiba, junto de sua irmã, Elisângela Souza, e de sua amiga, Thais Vitorino. Ao ler a obra da escritora J. Nozipo Maraire, no livro *Zenzele – Uma carta para minha filha*, Elizandra descobre o nome Mjiba: jovens guerrilheiras que lutaram pela independência de Zimbábue. Não se sabe se, de fato, essas guerrilheiras existiram ou se apenas fizeram parte da obra literária lida por ela. O que interessa é que ela foi arrebatada pelo espírito revolucionário dessas guerreiras e, no CEU (Centros Educacionais Unificados), o Coletivo Mjiba realiza shows, debates, exposições culturais e saraus.

ÁGUAS DA CABAÇA: A POESIA CORRENTEZA QUE ESCOA ROMPENDO BARRAGENS

Em 2012, Elizandra Souza publica seu livro de poesia, *Águas da cabaça*, que vai romper barragens e barreiras estéticas e sociais: "Pulo a corda que me limita/ Rasgo esse rótulo que não me imita./ Não sou da minha existência, figurante" (SOUZA, 2012a, p.25). Já na capa do livro, a ilustração de várias cabaças confirma o título, relacionando-o ao universo cultural africano. A cabaça cortada ao meio é *Igbá*, recipiente para oferenda usado no candomblé. Inteira, a cabaça é *Agbé*, instrumento musical utilizado nos cantos proferidos pelos *Ogãs*. A cabaça figura também como invólucro que protege as sementes, metáfora de útero que gesta a própria poesia.

O livro-cabaça abriga 133 poemas divididos em cinco sessões. Cada sessão é prefaciada por uma escritora negra. Elizandra escolheu o poema "Fêmea- Fênix", de Conceição Evaristo, como prefácio da primeira sessão. A ilustração que acompanha o poema é bastante emblemática: uma mulher negra, grávida, uma cabaça representando seu útero e, dentro da cabaça, a palavra "poesia". Nesta mesma sessão, encontramos o poema "Fertilidade" e nele a autora reitera seu desejo por fertilizar novas sementes, novas ideias, novas vozes:

Estou na idade florida
 Desejando parir novas ideias
 a barriga cheia de rimas
 Doces lágrimas e amargos sorrisos
 Instabilidade no destino
 Lavando as escadarias do amanhã
 Intuindo histórias inventadas

traçando rabiscos do permanente
 Reescrevendo o tal de ontem
 esculpindo a minha identidade
 fertilizando novas sementes (SOUZA, 2012a, p.17).

A jovem poeta optou por fazer um livro bastante feminino e, para isso, conta com a participação das parteiras: seis mulheres responsáveis pelas etapas de edição da obra. Observa-se que há uma preocupação com o movimento coletivo entre mulheres e esta não se restringe apenas ao discurso encontrado nos textos, mas abarca a própria construção física e concepção artística do livro. Ao denominar suas colaboradoras de parteiras, a escritora estabelece um diálogo com a ancestralidade: as parteiras ajudavam nos partos normais e eram detentoras de um saber que receberam de seus antepassados.

Com a intenção de problematizar o espaço da mulher na sociedade, a autora caminha na direção do empoderamento, aqui entendido não como uma tomada de poder para si, em ato individual, autocentrado, mas em movimento coletivo na luta pelos direitos da mulher, pela consciência dos problemas que a afligem e pela criação de mecanismos para combatê-los. De acordo com Joice Berth (2018, p.14),

"[...] quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor".

Marcia Tiburi também reforça que "a interseccionalidade das lutas nos leva a pensar que toda luta é luta quando é luta "junto com" o outro, o companheiro, contra um estado de coisas injusto". (TIBURI, 2018, p.55). O empoderamento permite que a mulher, em seu espaço de atuação, seja sujeito ativo de mudança, de transformação do conceito que ela tem de si própria e procure criar formas de dar autonomia a outras mulheres, promovendo mudanças sociais sob a ótica antissexista e antirracista. Patrícia Collins (1990, p. 10-11) ressalta a importância da voz individual para o empoderamento das demais mulheres negras:

Alguém pode escrever para um público sem nome e sem rosto, mas o ato de usar a própria voz requer um ouvinte e assim se estabelece uma conexão. Para mulheres afro-americanas, o ouvinte mais capacitado a romper a invisibilidade criada pela objetificação da mulher negra é

outra mulher negra. Esse processo de confiança mútua pode parecer perigoso porque só mulheres negras sabem o que é ser mulher negra. Mas se não ouvirmos umas às outras, então quem irá ouvir?

No poema "Mulheres pretas", dedicado às ativistas políticas, Elizandra Souza (2012a, p.96) dialoga com a citação de Collins e reforça a importância de transformar o silêncio em linguagem como forma de resistência:

Palavras, gritos...
 Gritos e palavras...
 Mulheres pretas,
 Estamos laçadas ou lançadas para o futuro?
 Quais são os laços que nos irmanam?
 Quais são as lanças que nos ferem?
 de que braços nós falamos:
 Dos que cooperam ou dos que empurram?
 Dos que abraçam ou dos que derrubam?
 Mais do que mulheres de saltos...
 Panteras destemidas e de garras afiadas
 Somos mulheres pretas que saltam...

Há um intenso questionamento sobre as relações estabelecidas entre as mulheres. Com perguntas retóricas, a voz poética sugere uma proposta para que juntas, em irmandade, consigam apagar os silêncios e gritar palavras de liberdade. É preciso "construir redes de solidariedade política em vez de se fixar numa narrativa imutável de não transcendência" (RIBEIRO, 2018, p.19). Para tanto, necessária é a união entre elas. Celie, personagem do romance *A cor púrpura*, de Alice Walker (1986), escreve cartas para Deus, já que ninguém a escuta. Esse movimento de interlocução, por meio das cartas, é uma maneira de quebrar os silêncios usando a palavra, a linguagem, em direção ao outro. Como Celie, Elizandra lança sua voz em direção a outros e, principalmente, a outras mulheres e opta não por cartas, mas por poemas como os gestados na cabaça. No primeiro poema de *Águas da cabaça*, intitulado "Identidade", Souza (2012a, p. 14) já se apresenta:

Meu nome é Elizandra
 Filha do trovão e do vento...
 Gosto de pensar palavras
 ... ler os silêncios
 ... brincar com os livros [...]

"Filha do trovão e do vento", ou seja, de Iansã, Orixá feminino cultuado sob o nome de Oyá, Elizandra aponta sua filiação à religião de matriz africana. Não à toa escolhe essa

Orixá: a figura de Iansã aparece distante do universo do lar e dos afazeres domésticos. Ela está atrelada ao campo das batalhas e das lutas, tradicionalmente reservado ao homem. Constata-se essa filiação da escritora no poema "Universos de saias", em que identifica-se a intenção dela em desconstruir a visão estereotipada patriarcal que estabelece para a mulher o papel de cuidadora e de subalterna:

Saias!
 Saia!
 Aia!
 De saias, elas despem as aias!
 Arrumam o turbante
 Sai com os olhos brilhantes...
 Despedem da mucama...
 Com um tapa estralado na face da Sinhá!
 Ela passou de Aia a universitária!
 Saiu dos cômodos do lar, para os caminhos das alamedas
 Saia, que a mulher de saia além de passar, permanecerá!
 (SOUZA, 2012a, p.87)

Há um imperativo para a mulher: "saia!". Saia dos cômodos do lar, da comodidade, do universo restrito que a sociedade patriarcal reservou para ela. É um convite à ruptura com paradigmas sociais. Do lar para a universidade. De aia à universitária, despindo-se do papel de mucama, redefinindo o papel da mulher na sociedade. Assim, a literatura, para a autora, não mais interessa enquanto objeto especificamente estético, mas sim enquanto uma determinada vertente do mundo político e cultural. No poema "Caneta no cabelo", a autora se nega a atender as imposições culturais e rótulos sociais e usa a caneta, arma potente, para assinar a sua história:

[...]
 Pulo a corda que me limita
 Rasgo esse rótulo que não me imita.
 Não sou da minha existência, figurante
 Sigo as inspirações dos levantes.

Comando meus passos e freio os pensamentos
 Minha ambição é ser dona dos meus sentimentos.
 Estes sim são os únicos que me fazem refém
 Sem pedir licença, por inteiro me detém.

Enquanto esse desejo não se realiza
 Sigo devagarzinho até sair da baliza.
 Escondo a caneta no cabelo
 Trançando minhas letras com zelo (SOUZA, 2012a, p 25).

O cabelo carrega consigo uma simbologia: a resistência. Segundo Nilma Lino Gomes (2008, p. 2), a cor da pele, juntamente com o cabelo, são os elementos que dão maior visibilidade ao corpo e possuem um papel relevante na construção da identidade: " são suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra - a beleza negra". No poema "Raízes para fora da terra", Elizandra confirma que o cabelo, marcador de diferenças fenotípicas, é um elemento político, uma marca identitária, um elo com a ancestralidade:

Meus pavios estão acesos
 Raízes para fora da terra
 Cachos de bananas maduras
 Meu cultivo, meu pomar
 Dreadlocks meu elo
 Entre passado e futuro

Meus pavios estão acesos
 Liberdade nas minhas estradas
 Reconciliação com as minhas entranhas
 Realeza, trago no corpo a minha coroa
 Afronta a padronização
 Meus cabelos não são mercadorias! (SOUZA, 2012a, p. 19).

Os cabelos revelam tensões ("Afronta a padronização / Meus cabelos não são mercadorias!") e também funcionam como ferramenta para a autodefinição⁴, confirmando o orgulho de ser negra ("Reconciliação com as minhas entranhas / Realeza, trago no corpo a minha coroa"). Em entrevista, a escritora dá um depoimento fundamentado em suas próprias vivências e confirma, pela observação, que muitas meninas não se identificam com seus traços fenotípicos:

Não é fácil ser uma mulher negra, poeta e da periferia. O que mais nos fragiliza é a auto-estima. Meninas negras não querem ter essa cor de pele, cabelos crespos, nariz largo...e se acham feias. A escravidão negra foi eficaz em nos inferiorizar, eles conseguiram que a população negra se odiasse, não gostasse de si mesmo. Existem situações complicadas como o assédio, discriminações de gênero, raça/etnia e social que entrelaçados você não sabe porque foi menosprezada se por ser negra, por ser mulher ou por morar na periferia (SOUZA, 2012b).

⁴Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana(COLLINS, 2016).

O colonialismo e a escravidão impuseram muitos limites que ainda persistem no contexto dos afrodescendentes, seja na forma de racismo ou de desigualdades culturais, econômicas e sociais. Segundo Lélia Gonzalez (1988, p.7), a ideologia do branqueamento é o modo mais efetivo do racismo, já que perpetua os padrões impostos pela cultura ocidental: "o mito da superioridade branca comprova sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos; o desejo de embranquecer [...] é internalizado com a negação da própria raça, da própria cultura".

Djamila Ribeiro (2017) confirma, também, que a mulher negra está em um não lugar e esse espaço pode ser muito doloroso, mas, por outro lado, pode ser um lugar de potência. Muitas mulheres já transformaram esse lugar de dor em lugar de potência, em voz para ser reverberada. É necessário ocupar espaços com palavras. Para Zilá Bernd (1987, p, 86),

A literatura negra brasileira configura-se como literatura de resistência, ou seja, a que constrói com a matéria da cultura africana que sobreviveu na América em presença da cultura europeia e indígena. A literatura utiliza o aporte desta cultura resistente em uma produção que servirá para singularizar um grupo, fornecendo-lhes mitos, símbolos e valores, em suma, elementos que permitem a emergência de uma imagem positiva de si próprios.

No poema intitulado "Palavra de Preta", Elizandra reafirma sua promessa de usar a palavra para clamar, cantar, encantar e (de)cantar preconceitos:

Palavra de mulher preta
Mulher preta de palavra
Preta de palavra
palavra de preta

Lava alma preta
Palavra sagrada de mulher
Se a minha alma é preta
E a minha sociedade não me aceita
Minha palavra sagrada sangra
Palavras que nos irmanam
separam o joio do trigo
... o barro do rio que decanta
...encantam os versos da preta
...palavras que declama (...)

(SOUZA, 2012a, p.34).

Em mais um texto, a voz poética reforça, em vários versos, o seu compromisso de denunciar os mais diversos preconceitos contra a mulher ("Palavra de mulher preta"). Ela se empossa da própria palavra que teima em resistir ("De-cantaremos o preconceito") e recomenda a união entre as mulheres negras ("Palavras que nos irmanam"). A autora inscreve a necessidade da representação do feminino e se revela como mulher que faz do seu não lugar, um lugar de onde precisa dizer, já que, por tanto tempo, foi subalternizada e silenciada. Reincide, assim, seu ato revolucionário de resistência.

Há tempos as mulheres negras se mobilizam e vêm lutando para serem sujeitos políticos. A história do nosso país é assinada por várias dessas mulheres que simbolizam a resistência: Aquatune, figura fundamental para a consolidação da República de Palmares. Dandara, símbolo de resistência do Quilombo de Palmares. Zeferina, rainha que fundou o Quilombo do Urubu e lutou contra a escravidão em Salvador. Luiza Mahín, participou do levante na Revolta dos Malês. Maria Firmina dos Reis, a primeira a escrever um romance abolicionista. Zacimba Gaba, lutou contra o regime de escravidão na região de São Mateus. No entanto, o protagonismo dessas mulheres nunca teve visibilidade na nossa história. Em entrevista a uma revista, Evaristo (2018) observa que:

Na memória ancestral brasileira, por exemplo no candomblé, as grandes guardiãs foram as mulheres, as grandes mães-de-santo, as grandes cuidadoras de orixás são mulheres. Então, me parece que essa movimentação, essa atuação, essa procura de formas defensivas, de formas de resistência e também de formas de ataque, as mulheres negras construíram isso ao longo dos séculos. E hoje esse protagonismo é reconhecido através da nossa própria imposição. De um modo geral, o que nós conquistamos não foi porque a sociedade resolveu nos abrir a porta. Foi porque realmente forçamos a passagem.

Com *Águas da cabaça*, Elizandra força a passagem, abre portas, barragens e deixa escoar em sua poesia uma reelaboração de um "eu" que se sabe coletivo. Ela assume uma identidade negra, tanto como militante nos movimentos sociais como na sua escrevivência, na literatura, tal qual Conceição Evaristo. De maneira crítica, tira proveito do seu lugar de marginalidade e torna-se porta voz de mulheres silenciadas

pela sociedade e pela literatura. De sua cabaça, emerge a poesia como projeto democrático que rompe silêncios, descortina invisibilidades históricas, traz perspectivas outras que rompem com a história única, conscientiza e esclarece que diferença não significa desigualdade, convida outras mulheres para a luta por uma sociedade mais justa e avisa: "vai mudar o placar..."⁵ (SOUZA, 2012a, p. 48).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BERND, Zilé. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: MercadoAberto, 1987.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento: 2018.

COLLINS, Patrícia Hills. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Boston: Unwin Hyman, 1990.

_____. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**: edição temática "A personagem do romance", Brasília/DF, n. 26, p. 13-71, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: "O que conquistamos não foi porque a sociedade abriu a porta, mas porque forçamos a passagem". **Marie Claire**, São Paulo, 25 maio 2018. Entrevista concedida a Kamille Viola. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passage.html>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

⁵"vai mudar o placar..." é um verso do poema "Em legítima defesa". Elizandra Souza confessa que esse poema foi o mote para ela escrever *Águas da cabaça*. Ela o enviou para fazer parte de várias antologias, entretanto, nunca conseguiu que fosse publicado. Assim, percebeu que teria que inseri-lo em seu próprio livro.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Org.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

FERRÉZ. Apresentação. In: _____ (Org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**, Mimeo. Revista Isis Internacional. (8) 1988, p.7

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Elizandra. **Águas da cabaça**. São Paulo: Ed. do Autor, 2012a.

_____. Entrevista: conheça um pouco da poetiza Elizandra Souza. **Letters and Alleys - Literature from the Outskirts of São Paulo = Letras e Becos - Literatura das Periferias de São Paulo [Blog]**. 27 nov. 2012b. Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2012/10/entrevista-conheca-um-pouco-da-poetisa-elizandra-souza/>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

_____. Reportagem afetiva – meu déjá vu. **Mjiba [blog]**, 30 out. 2010. Disponível em: <<http://mjiba.blogspot.com/2010/10/reportagem-afetiva-meu-deja-vu.html>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução de Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1986.